

Dias contados para Yasuni?

Categories : [oecoamazonia](#)

Era a primeira vez que dividia uma missão com meu companheiro fotógrafo Francisco Ipanaqué: percorrer durante dez dias a província de Sucumbíos, fronteira com a Colômbia, - na zona com a maior presença da guerrilha das FARC - em buscas de áreas que poderiam trazer turismo local e internacional.

Propostas de turismo em Sucumbíos? A idéia retumbou em minha cabeça por conta da grande quantidade de notícias relacionadas à violência armada, exatamente naquela região.

Saímos de Quito, capital do Equador, 14 quilômetros ao sul da linha equatorial que divide os hemisférios do planeta . Descemos pela cordilheira oriental, passamos ao pé do Reventador, um vulcão ativo que mais de uma vez, durante a última década, cubriu de cinzas a capital dos equatorianos.

Na zona urbana e na periferia, ou seja no coração dos assentamentos de colonos em Sucumbíos e no seu entorno imediato, os efeitos da exploração petroleira eram evidentes: piscinas negras e viscosas, torres metálicas das quais saiam enormes línguas de fogo, vegetação reduzida a arbustos amarelos e secos, tubos oxidados cortando a cobertura vegetal até onde a vista alcançava.

Para deixar este panorama, avançamos a um porto no rio Cuyabeno. Alugamos uma pequena voadeira que durante quatro horas nos levaria rio adentro em busca das áreas alagadas.

Bem quando o som do motor de popa começava a nos fazer dormir, o guia interrompeu a jornada; caminhava cambaleando no centro da embarcação diante de nosso olhar absorto e com a mão direita dava pequenos golpes no casco. Depois de quinze segundos – que foram como horas em meio àquele silêncio infinito – o dorso de um boto cor de rosa surgiu timidamente, emitiu um pequeno som e novamente submergiu.

A experiência nos deixara atônitos: cetáceos de água doce!

Foi como despertar da letargia da viagem. Em nosso entorno já não havia mais as margens do rio. A inundação rodeava a copa das árvores. Havíamos chegado à reserva de Cuyabeno, vizinha mais próxima e irmã menor da reserva do Yasuní, onde está uma das reservas da biosfera mais grandes e completas do mundo.

Mas qual é a relação da reserva Cuyabeno, com que começo esta história, e a do Yasuni que é

até onde queremos chegar com esta viagem?

Várias: a reserva de Cayabeno enfrenta uma sobre exploração turística, enquanto no Yasuní a Unesco interveio para preservá-la como zona de proteção integral. Ademais, em torno desta última o governo equatoriano levantou uma grande expectativa sobre a aplicação de um sistema de pagamentos por serviços ambientais: a não-exploração das maiores reservas petroleiras já encontradas no país para preservar o santuário natural.

Uma relação histórica.

Visualizar [Yasuni - Equador](#) em um mapa maior

A relação do Equador com a Amazonia é tão velha quanto sua própria existência.. Historiadores reputam a este país a iniciativa de formar uma expedição que levou um punhado de espanhóis e nativos a descobrirem o rio Amazonas, o mais cumprido e de maior superfície de todo o planeta; ícone da floresta na região ocidental do Equador, Peru e Brasil.

Mas por que então esta região de selva voltou a recuperar o protagonismo, que anteriormente era considerado quase como um mito?

Isso ocorreu graças à iniciativa chamada Yasuní ITT.

A iniciativa Yasuní Ishpingo Tambococha Tiputini – ITT é uma proposta governamental que busca deixar embaixo da terra 846 milhões de petróleo em troca de que a comunidade internacional entregue ao menos 50% do que o estado equatoriano ganharia por explorar o campo. A proposta foi elaborada em 2007 e já registra ingressos de ao menos 3,5 milhões de dólares.

Todo este petróleo está, em sua maior parte, debaixo do Parque Nacional Yasuní, uma reserva ecológica que protege o lugar com maior biodiversidade do planeta, em termos proporcionais. Esta região de 9,8 mil km² foi declarada uma área protegida pelo governo equatoriano em 1979, e uma década depois a UNESCO considerou toda a zona uma Reserva da Biosfera, incluindo-a na lista dos patrimônios naturais da humanidade.

Biodiversidade

“Segundo a análises de dados realizada por pesquisadores dos Estados Unidos, Equador, Reino Unido e Alemanha no Ysuní, o parque abriga 150 espécies de anfíbios, 596 espécies de pássaros, 200 espécies de mamíferos e estima-se que apenas ali vivam 100 mil espécies de insetos.

Os cientistas também confirmaram que em um hectare do Ysuní, há mais espécies de árvores –

cerca de 655 – do que a soma de todas as espécies nativas do Estados Unidos e Canadá. O número chega superar as 1100 espécies de árvores em uma área de 25 hectares.” A citação foi retirada de um estudo publicado em janeiro, na [revista científica digital \(acesso livre\), Plos ONE](#)

Para Gorky Villa, botânico equatoriano, integrante da organização Finding Species, e um dos autores do estudo. “Em um hectare do Ysuní há mais árvores, arbustos e cipos que em qualquer outro lugar do mundo.”

Deixar o petróleo debaixo da terra significa evitar a liberação na atmosfera de 400 milhões de toneladas cúbicas de dióxido de carbono.

As discórdias

No início de seu mandato, o governo do presidente Rafael Correa criou uma comissão encarregada de negociar o projeto Ysuni ITT, sobre o qual diversos países haviam expressado interesse em doar recursos em troca dos serviços ambientais prestados. A Alemanha encabeçava a lista com mais de 50 milhões de euros por ano.

A comissão tinha como líderes dois senhores considerados influentes em questões ambientais no governo da autodenominada Revolução Cidadã: Fándor Falconi e Roque Sevilla.

Falconi estava à frente do Ministério do Exterior/ Chancelaria e Sevilla havia sido alcade da capital Quito. Ambos encabeçavam uma delegação que assinaria os primeiros acordos com os países doadores, mais precisamente durante a Cúpula Mundial do Clima, em Copenhague, Dinamarca, em dezembro de 2009.

No entanto, a assinatura de um documento que criava a figura de fundo para a administração dos recursos que seriam doados, foi barrada pelo próprio presidente Rafeal Correa, que considerava tal negociação prejudicial ao interesses do país.

Concretamente, Correa se opunha a que a comunidade internacional administrasse o destino dos fundos que seriam entregues ao país em troca da exploração do petróleo. O argumento: um assunto de soberania.

Esta decisão agitou o meio político do Equador no último mês de janeiro, pois os dois homens fortes em questões ambientais no governo renunciaram à comissão que imediatamente foi reestruturada.

A imprensa local, como o jornal El Universo (www.eluniverso.com), o maior em circulação no país, tem colocado em dúvida a intenção do governo de preservar o petróleo sob a terra e denunciou a presença de máquinas nos limites da enorme reserva da biosfera.

“Faz mais de um ano, a Petroamazonas, empresa estatal, começou tarefas nos setores afastados do ITT. Hoje, as máquinas constroem um novo oleoduto até o campo Edén Yuturi, já em vistas em um plano de extração do petróleo cru do Ysuni”, afirmou o Universo [em sua investigação](#).

No início de fevereiro, o governo reiniciou as negociações de uma proposta e em meados do mês recebeu uma oferta do Egito.

E enquanto tudo isto vai acontecendo, o Yasuni segue surpreendendo o mundo: de acordo com a Pontifícia Universidade Católica do Equador, em um boletim público, afirmou que foram descobertas, na reserva, cinco novas espécies de rás.

A esperança do Yasuní, no momento, depende da política.

Ricardo Tello é jornalista free-lance. Foi editor dos diários El Universo de Guayaquil e El Tempo de Cuenca. Ganhou diversos prêmios como o Jorge Matilla Ortega, no Equador, e na primeira convocatória das Bolsas de Investigação Jornalística da Fundação Avina. Atualmente divide seu trabalho com a docência universitária.